



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de posse das diretorias da Anfavea e do Sinfavea

São Paulo-SP, 30 de abril de 2010

Eu quero cumprimentar o governador Alberto Goldman, e, cumprimentando o Goldman, considerar cumprimentados todos os companheiros que compõem a Mesa,

Cumprimentar todos os companheiros que tomaram posse na Anfavea e no Sinfavea,

Cumprimentar, especialmente, um companheiro que chegou atrasado, mas que não foi citado, que é o companheiro Nobre, presidente dos metalúrgicos do ABC, que está aí. Se ele tivesse chegado cedo, teria vindo para a Mesa. Chegou tarde, perdeu o seu lugar.

Bem, eu penso que a minha Assessoria, desta vez, não combinou com o Miguel Jorge porque ele citou os números que eu deveria citar aqui. Bem, agora, eu penso, companheiros e companheiras, que nós estamos vivendo um momento importante na história do nosso país e com um processo de renovação, não apenas tecnológico, mas uma renovação biológica, porque do meu tempo de sindicalismo, das primeiras greves de [19]78 na indústria automobilística, só tem aqui o Schouer, da Mercedes Benz, e o Mauro Marcondes que, na época, estava na Volkswagen, e eu não sei se o André Bier está aí também, da General Motors. São os três remanescentes dos bons tempos em que eu era o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Já faz, praticamente, 32 anos, e nesses 32 anos muita coisa mudou neste país, muita coisa mudou neste país, dentre as quais a indústria automobilística. Mudou e mudou para melhor. A economia brasileira já não depende hoje única e exclusivamente da indústria automobilística, como nós



dependíamos nos anos 80. Houve uma diversificação da industrialização do país, outros setores estão investindo e crescendo, o setor de serviços cresce de forma extraordinária no Brasil. Mas a indústria automobilística, pela sua dimensão de cadeia produtiva, continua sendo um dos setores mais importantes do nosso PIB industrial.

Portanto, o Presidente da República não poderia deixar de estar aqui na posse do companheiro Belini e na despedida do companheiro Schneider. Certamente, há 30 anos, nós não nos trataríamos de companheiros, certamente. Certamente... bom, eu nem teria sido convidado para a posse. O Nobre estar aqui já é um avanço democrático importante e, certamente, na posse dele vocês foram convidados e lá foram tratados como ele foi tratado aqui, com respeito. No meu tempo não era possível ainda nós sermos tão civilizados como estamos sendo agora.

Mas o que é importante é que parte da construção dessa relação civilizada foi o aprendizado dos tempos dos grandes movimentos sindicais do país. Eu acho que aquilo colocou todos nós em pé de igualdade para que nós começássemos a pensar o Brasil do futuro. E hoje nós estamos aqui dando posse a uma Diretoria que, certamente, é a Diretoria que toma posse no melhor momento da indústria automobilística brasileira, no melhor momento. No momento em que muitos acreditavam que a indústria automobilística iria sucumbir porque as matrizes sucumbiram nos seus países de origem, a indústria automobilística brasileira passa a virar uma referência para que as matrizes comecem a aprender com as suas filiais brasileiras o que fazer para não cometer o mesmo desastre que aconteceu nos países de origem. Eu acho que é o criador aprendendo com a figura que foi criada.

Hoje, pelo Brasil afora, não tem uma indústria automobilística de que a gente participe de inauguração que não reconheça que o trabalhador brasileiro hoje é o trabalhador que tem mais capacidade de aprendizado, o trabalhador que fica qualificado com maior rapidez e o trabalhador que tem mais



criatividade. Eu tenho ouvido de todos os presidentes de indústrias no Brasil e tenho ouvido de todos os dirigentes das indústrias brasileiras no exterior. Veja a diferença: nos anos 80, um dos argumentos que se utilizava para dizer que não vinha mais indústria automobilística para o Brasil era a desconfiança na capacidade do trabalhador brasileiro. Portanto, houve uma mudança extraordinária.

Mas, mais importante do que isso, mais importante do que isso é que a indústria automobilística brasileira tem, no mercado interno brasileiro, uma base muito sólida para que os Presidentes da Anfavea e do Sinfavea digam aqui que no primeiro trimestre nós já estamos passando países como a Alemanha na produção de automóveis. Quem é que imaginava que o Brasil, pelo menos por um trimestre ou por um quadrimestre, fosse ser o quarto país produtor de automóveis do mundo? Em sua consciência, nem eu e nem vocês acreditavam nisso.

E qual foi a mágica que aconteceu? Qual foi a mágica que aconteceu? Primeiro, o aumento do poder aquisitivo do povo brasileiro, a elevação de ascensão social de quase 30 milhões de brasileiros, que saíram das classes D e E e foram para a classe C. Segundo, a indústria automobilística, em muitas conversas com o governo federal, ela entendeu que era preciso que nós criássemos novos mecanismos de financiamento para que o povo brasileiro pudesse ter acesso ao automóvel. Todo mundo sabia e todo mundo sabe que o automóvel, depois das nossas mulheres, é a segunda paixão da nossa vida. Se no meu tempo, se no meu tempo a gente tinha paixão por um Gordini, por um Fuscão... É verdade, era Gordini, era Itamaraty, era Belina, era... depois o Fiat.

Você não sabe, Belini, como eu fiquei importante quando eu comprei, em 1979 – eu não podia comprar um carro no ABC porque nós tínhamos acabado com a greve, e os trabalhadores achavam que eu tinha sido traidor da classe operária porque tinha proposto para eles voltarem ao trabalho com um acordo que não era o que eles queriam –, eu comprei um Fiat 147, 147, paguei



em 14 prestações, e foi o carro mais chique que eu tive durante um bom tempo. Foi um avanço sair do Fusquinha, que tinha um banco curto, para um 147, com aquele banquinho mixuruca, reclinável. Mas foi um avanço, foi a ascensão da classe operária, foi a ascensão de um metalúrgico.

Então, eu penso que essa relação, que era uma relação de antagonismo, de desconfiança, passou a ser uma relação de compreensão. Vocês não sabem, mas depois desse Fusquinha, o outro carro que eu comprei foi um carro que pertenceu ao André Bier, um Opala cinza, banco de couro. Aí eu estava chique mesmo! Aí, se eu tivesse sido escolhido “Homem do Ano” pela revista *Time* naquele ano, eu teria, quem sabe, comprado um zero quilômetro da GM ou eles teriam me dado de presente.

O dado concreto é que esse momento que o Brasil está vivendo é obra de um conjunto de fatores que eu acho que tem muito a ver com a atuação dos governos nos mais diferentes níveis, tem a ver com o comportamento de vocês. Eu posso dizer aqui e testemunhar o papel importante que o companheiro Schneider teve nas nossas negociações, nas negociações com os trabalhadores para garantir que a cada política que nós tomássemos decisão era preciso garantir o emprego dos trabalhadores, que era a contrapartida. E isso tudo só foi possível por uma relação de confiança, coisa que durante muito tempo prejudicou o nosso país.

Vocês, certamente, viajam muito o mundo e vocês sabem que em nenhum momento da nossa história o Brasil acumulou a credibilidade que o Brasil tem hoje. Possivelmente, alguns de vocês tivessem vergonha, uns anos atrás, de dizer que eram brasileiros, em uma rodinha em que estivessem conversando sobre o Brasil, porque se falava muito de prostituição, se falava muito de tráfico de droga, se falava muito de violência, se falava muito de futebol, se falava muito de Carnaval. E alguns ainda pensavam que a capital do Brasil era Buenos Aires. É verdade, vocês sabem que isso é verdade. E vocês sabem que hoje, quem viaja para fora, tem orgulho de mostrar o passaporte do



Brasil e tem motivo de orgulho de dizer que é brasileiro. Porque hoje nós somos levados em conta é no debate econômico, é no debate ambiental, é no debate da seriedade de cuidar da economia do país. É só olhar os países que eram modelo de sapiência para o mundo alguns anos atrás e ver o que aconteceu com eles na crise. É só perceber que os bancos que sabiam tudo quando a crise era no Brasil, quando a crise era no México, quando a crise era na Rússia, quando a crise era na Bolívia, não sabiam nada quando a crise era dentro do seu próprio banco. Eles se preocupavam mais em olhar os outros do que em olhar para si mesmos.

É por isso que agora nós estamos brigando no G-20 para que a gente faça com que o sistema financeiro compreenda, de uma vez por todas, que ele é muito importante se ele existir para servir o setor produtivo, para financiar a produção de uma peça, de uma roupa, de um papel, e não para ficar especulando no mercado futuro, como fizeram em 2008 com a soja e com o petróleo.

Eu penso que nós aprendemos essa lição, e a minha preocupação é que alguns companheiros do G-20, na medida em que a crise começou a diminuir o seu grande impacto, comecem a achar que não precisa mudar nada. Quando nós discutimos acabar com os paraísos fiscais, sabe qual é a dificuldade, Goldman? É porque eles não querem que a gente trate a Suíça como um país que é um paraíso fiscal, mas querem tratar o Uruguai, querem tratar as Bahamas. As pessoas ainda não se deram conta de que nós não podemos continuar tratando a economia e o sistema financeiro como a gente tratou até agora. É preciso que haja mudanças. E é muito engraçado, porque todo mundo deseja as mudanças, todo mundo. Não tem um presidente, individualmente, que não deseje a mudança. Mas quando tem que se tomar posição, essas posições não são tomadas.

O Brasil fala isso de cátedra, porque se tem um país que tem um sistema financeiro moderno é o Brasil. Se tem um país em o que o sistema



financeiro não alavanca mais do que aquilo que é possível, é o Brasil. Portanto, nesse ramo nós temos *expertise* e queremos exportar para que países importantes do mundo não fiquem brigando entre si durante 40 dias e fazendo com que a crise da Grécia seja pior do que deveria ser, que se espalhe para a Espanha, para Portugal, para a Itália.

Eu, já em duas reuniões do G-20, Belini, que eu peço que o ideal seria que cada presidente começasse a falar dizendo como é que está o seu país, porque para a gente poder ter autoridade de fazer uma proposta para os outros países, era importante que cada um dissesse “O meu país está assim, o sistema financeiro está assim, a política industrial está assim, o emprego está assim”, para que a gente pudesse, a partir de um quadro real apresentado pelos presidentes, a gente pudesse, sem se intrometer na política de cada país, tomar uma decisão que pudesse balizar cada um de nós. Quem é que vai controlar o sistema financeiro? Basileia servia para controlar os países pobres, mas Basileia não serve para controlar os países ricos. O FMI servia para tratar da crise nos países pobres, mas não deu um palpite até agora na crise do *subprime* e na crise dos países ricos. O Banco Mundial, até agora, não tomou nenhuma atitude para financiar países que precisam de financiamento para sobreviver.

Ora, quando nós estivemos na reunião do G-20, na primeira, nós dizíamos que o problema sério era de crédito e que se nós quiséssemos recuperar a economia dos países, era preciso que os países ricos fizessem empréstimo aos países mais pobres para que eles pudessem ter crédito para continuar tocando a economia. Se todos os países tivessem seguido o que o Brasil fez, certamente essa crise já teria acabado há algum tempo. E a indústria automobilística foi testemunha dos passos que nós tomamos.

Eu lembro, Goldman, que quando eu tomei a decisão de comprar a Nossa Caixa, aqui em São Paulo, algumas pessoas diziam: “Ô Lula, você vai comprar a Nossa Caixa? Você vai herdar... Você não está vendo que o Serra é



candidato? Você vai comprar, vai fortalecer?” Eu dizia: eu não estou preocupado com as eleições de 2010. Eu estou preocupado é que este país precisa fortalecer o sistema financeiro público, com o Banco do Brasil, porque nós vamos entrar para financiar as coisas que os bancos não querem financiar. Quando nós resolvemos comprar 50% do Votorantim foi a mesma coisa, e por que é que nós tínhamos que comprar o Votorantim? Porque era o banco que tinha a maior carteira de carros usados neste país, e a gente precisava comprar. Nós liberamos 100 bilhões do compulsório para os bancos privados comprarem carteiras dos bancos pequenos, que não foram compradas. Foram os bancos públicos que compraram.

Portanto, eu acho que nós – e tudo, trabalhando juntos – fizemos com que hoje nós pudéssemos estar aqui, no mês de abril, no dia 30 de abril, dando posse ao Belini e comemorando este momento de ouro da indústria automobilística brasileira.

Quem não se lembra do programa Mais Alimentos? Quem não se lembra quando nós lançamos ele, exatamente em julho de 2008? Sabem quantos tratores já foram vendidos, (incompreensível)? Já foram vendidos, desde que o Plano foi criado, já foram vendidos 25 mil e 139 tratores; 10 mil resfriadores de leite, em apenas 18 meses. Agora, esse Programa, certamente, na próxima reunião que nós fizermos, nós vamos ter que discutir como a gente fazer uma renovação dos programas de incentivo, porque o pessoal quer mais. Vejam, o teto era de R\$ 100 mil, não é, Luciano Coutinho? Eu vi o Luciano aí sentado. O teto parece que era de R\$ 100 mil. Agora, o pessoal está ficando esperto e já quer um aumento de teto para R\$ 130 mil por agricultor. E abre-se a possibilidade de a gente fazer operações de compras coletivas, ou seja, um conjunto de pequenos produtores comprarem um conjunto de máquinas e fazerem uma dívida de até 500 mil.

O que eu tenho dito para vocês, ao longo do tempo, é o seguinte: nós não teremos dificuldade de fazer absolutamente nada nesse processo de



inovação de financiamento e de acessibilidade das pessoas aos produtos que nós fabricamos no Brasil, se tiver a boa proposta. Portanto, eu peço aos companheiros do Ministério do Desenvolvimento Agrário, ao Belini, agora, presidente da Anfavea e do Sinfavea, e a outros empresários do setor de tratores que comecem a discutir a possibilidade de a gente refazer o Programa, porque um programa que teve um sucesso como esse não pode parar no meio do caminho. Tem que continuar porque esse programa significa sucesso absoluto.

Da mesma forma que eu estou incomodado com os caminhões, (incompreensível), estou incomodado. Estou falando com o Miguel Jorge, falei com o Schneider várias vezes, tenho falado com o Guido Mantega, tenho falado com o Luciano Coutinho, tenho falado com todas as pessoas: o programa Pró-Caminhoneiro foi criado para vencer uma barreira que nós tínhamos, teórica e mais teórica, que o Sindicato apresentou para a indústria automobilística mais de 15 anos atrás, um programa de renovação da frota. Chegava-se a propor que o governo comprasse uma frota de carros a etanol para renovar. Depois discutiu-se quem é que ia comprar o carro velho, o caminhão velho. Nós paramos de discutir tudo isso. O carro velho, se o cidadão comprar um novo, ele faça o que quiser. Alguém vai tomar conta. O que não dá é para o governo querer dizer: só vou te vender um carro se você comprar um velho.

Pois bem, nós queremos que o motorista autônomo, aquele que tem apenas o seu caminhão, que ele tenha o direito de comprar um caminhão novo. E nós precisamos, Miguel Jorge, encontrar um jeito. Já foi encontrado... já chegamos perto. Hoje o microempresário já pode comprar. Mas ainda não estou contente porque eu quero que chegue ao companheiro motorista autônomo, que é a grande maioria, que eles possam comprar. Aí eu queria pedir, Miguel Jorge, que você, que o MDA, que o Belini começassem a discutir para ver o que falta fazer para que a gente garanta aos caminhoneiros



trocarem o caminhão. É o melhor jeito de renovar a frota.

Eu lembro que nós, quando fizemos a discussão de financiamento de geladeira, máquina de lavar roupa e fogão, nós tínhamos uma discussão imensa de fazer um programa de renovação de geladeira para que as pessoas comprassem geladeira nova com menos problemas ambientais, e começamos a discutir quem é que ia comprar a velha. Aí procuramos empresários, grandes empresários que têm siderúrgica, que trabalham com sucata, um trabalho desgraçado, e só tinha problema. Você imagine: para eu comprar uma geladeira eu tinha que levar primeiro, na loja, a minha velha. Onde a loja ia estocar aquela geladeira velha? Na verdade, todo mundo gosta de comprar uma nova e se tiver um espacinho fica com a velha lá para colocar umas “Skolzinhas” a mais. A vida é assim, a vida é dura, e as pessoas, de vez em quando, precisam... Depois de três meses, a gente brigando como fazer, como fazer, resolvemos simplesmente facilitar a venda. O que aconteceu? Nós batemos recorde de venda de geladeira, de venda de máquina, porque a máquina de lavar roupa é a independência da mulher. Não tem nada que dê mais independência. As mulheres compraram... A loja Luiza, a mulher... A Luiza participa do Conselho conosco, ela falava: “Presidente, o senhor não sabe o que é máquina que a gente vende, Presidente”. Nós não encontramos quem fosse ficar com a sucata, mas resolvemos o problema de vender máquina, vender geladeira, vender fogão e gerar emprego neste país.

Então, como nós não estamos mais naquela de ficar procurando quem vai ficar com o caminhão velho do China – sempre terá alguém que vá utilizar o caminhão dele, sempre terá –, nós vamos renovar na hora em que a gente criar as condições. Então eu queria pedir, Belini, que você colocasse como uma das primeiras tarefas tuas, afinal de contas vai ser a minha última participação numa posse do Sindicato da indústria automobilística como Presidente da República. A última, porque daqui a dois anos eu serei ex-presidente, e você sabe que no Brasil ex-político, nem vento bate nas costas.



Então, eu espero que, eu espero que daqui a dois anos vocês estejam muito melhor... É de três anos o mandato? Daqui a três anos, também não estarei aí, aí é que estarei mais esquecido ainda. Três anos mais velho, sem mandato, é o fim!

Então, eu queria dizer para vocês que eu torço, Belini, eu torço de coração que a gente, nesses oito meses que faltam para terminar o meu mandato, que a gente possa trabalhar para deixar para quem vier depois de mim um país mais preparado, mais arejado.

Vocês viram que ontem houve um aumento da taxa de juros e, certamente, nós temos companheiros que só se manifestam politicamente no dia da reunião do Copom. Pode ver, pode pegar a imprensa, que tem profissionais de falarem mal do Copom no dia seguinte.

Agora, veja, nós, nós atingimos um grau de maturidade neste país, de seriedade, que a gente não pode, por conta de uma eleição, afrouxar o controle da economia e deixar a coisa desandar, porque se a gente deixa a coisa desandar, a gente não controla mais. Como eu fui dirigente sindical no momento em que este país teve 80% de inflação, 40% de inflação ao mês, e eu sei o prejuízo que a inflação causa no bolso de um trabalhador que não pode ter uma conta remunerada... Eu lembro do tempo em que eu ia com a minha mulher no Macro, na Via Anchieta, comprar 100 latas de óleo, para não ser consumido pela inflação. Eu não quero isso.

Então, eu vou dizer uma coisa para vocês, alto e bom som, para quem pensa que nós vamos brincar com a economia: não há eleição que me faça jogar fora o que nós acumulamos nesse período, não há, não há eleição. O que nós acumulamos neste país é um patrimônio do povo brasileiro. Eu conheço épocas em que os dirigentes, pensando nas eleições, não fizeram a coisa correta. Poderia citar exemplos, poderia citar exemplos de momentos de ouro da economia que, por conta do medo de fazer as coisas certas, deixaram desandar, e depois não houve mais controle. Este que vos fala não vai permitir



que isso aconteça. Quem tiver que ganhar as eleições vai ganhar e vai receber um país arrumado, um país com credibilidade, para que ele possa fazer muito mais e melhor do que nós fizemos. É este país que nós não temos o direito de jogar fora, porque não foi fácil chegar onde nós chegamos. E nós temos que ser assim.

É bom falar isso, viu, Belini, numa festa da indústria automobilística, porque todo mundo sabe: a gente está dentro de um carro a 100[km] por hora, tem uma curva na frente, a gente sabe que se a gente não brecar no tempo certo, na hora certa, e a gente deixar para brecar no meio da curva, a gente pode não conseguir brecar e a gente pode quebrar a cara.

Então, eu quero que vocês saibam que enquanto eu for o presidente da República deste país, até o dia 31 de dezembro de 2010, não haverá nada, absolutamente nada que me faça jogar um milímetro do que nós conquistamos juntos fora, porque o país está nessas boas condições porque nós conquistamos credibilidade, e credibilidade a gente conquista com seriedade. Acabou o tempo em que governante brasileiro achava que era bonito mentir, achava que era bonito dizer que ia assinar e não assinava, que ia fazer coisas e não cumpria. Acabou o tempo. Eu sou de um tempo, e aprendi isso nas greves do ABC, Belini: nenhum dirigente, seja ele empresarial, sindical ou político será respeitado, se ele não se respeitar. A condição *sine qua non* para a gente ser respeitado é vocês perceberem que eu me respeito. Se vocês perceberem que eu levo uma vida banalizada e que não me respeito, nenhum de vocês vai me respeitar. É assim que eu aprendi a fazer política, é assim que eu governei este país e é assim que este país pode, até 2016, se transformar na quinta economia do mundo. E eu espero que você esteja na Presidência do Sinfavea até lá.

Um abraço, gente. Boa sorte às novas Diretorias e que Deus nos abençoe.

(\$211A)